

As vidas de Maria abre o Festival de Brasília

TIAGO FARIA

DA EQUIPE DO CORREIO

Para qualquer diretor disposto ao desafio, transformar Brasília em cinema pode apontar para um velho e conhecido caminho de simplificação. Para chavões que associam a capital a parque de diversão de políticos corruptos e a um ritmo de vida meio acinzentada, marcado pela frieza. Se evitar estereótipos do tipo já é algo raro, então a missão encarada pelo cineasta paulista Renato Barbieri, radicado na cidade há dez anos, é de especial ambição. Em *As vidas de Maria*, produção brasileira escalada para abrir o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o Distrito Federal não é mero cenário — é quase protagonista.

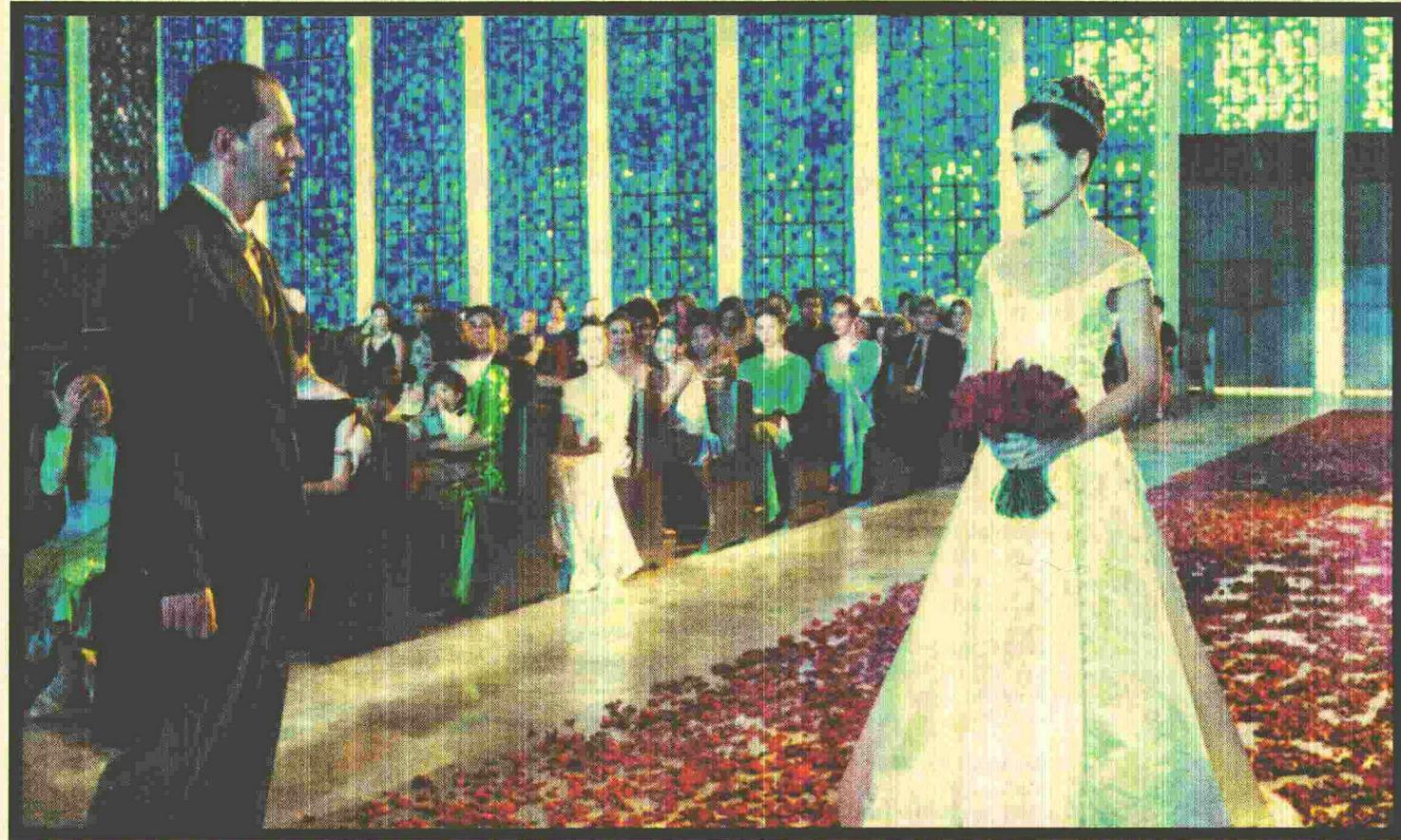
Pode parecer só um filme. Mas, quando subir ao palco da Sala Villa-Lobos terça-feira para apresentar a obra, em *hors concours*, Barbieri estará em uma noite de primeira vez. Documentarista com 20 anos de experiência, o diretor de *Atlântico Negro — Na rota dos*

orixás estréia na ficção com um projeto cinematográfico que tem a intenção de percorrer, mesmo que indiretamente, a história de Brasília: do nascimento, em 1960, a 2003.

A dividir atenções com a criação de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, no centro do filme está Maria. Uma mulher batalhadora, determinada, que nasce naquele mesmo 21 de abril de 1960. “Ela é uma personagem bem brasiliense. Brasília tem esse frescor de ser síntese do Brasil. Dialoga com todas as regiões do Brasil e não tem preconceito com nenhuma delas”, explica Barbieri. “O Brasil já tem uma cultura de síntese, de inclusão. E Brasília é a síntese dessa síntese.”

Maria, interpretada por Ingra Liberato (e, na fase adolescente, Sthefany Brito), não só nasce junto com a cidade como vivencia — mesmo quando de raspão — momentos históricos decisivos para o DF e o país. Quando pequena, vê um tanque militar em plena rua, indício da ditadura. Pré-adolescente, torce pelo Brasil na Copa do Mundo de 1970. A caminho do ca-

Divulgação



INGRA LIBERATO (NA FOTO COM ANDRÉ AMARO) INTERPRETA A PROTAGONISTA NA VIDA ADULTA, MULHER NASCIDA NO DIA DA INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA

samento, na Igreja Dom Bosco, vê um grupo de manifestantes pelas Diretas Já. Mais adiante, lá está ela, em plena passeata pelo *impeachment* de Fernando Collor.

Ainda que embaralhada com a trajetória da cidade, Maria não foi delineada como um símbolo para Brasília. “Isso nem é possível, Seria muita pretensão. Maria é uma mulher guerreira, que luta pelo espaço no mundo”, explica. Nascida entre os candangos que construíram a capital, a personagem sobe degraus na escada social ao ser criada pela família de um rico deputado e depois empurrada para um casamento de conveniência. O foco na vida de Maria só é encontrado quando ela conhece Tiago (Gustavo Melo), negro e homossexual, responsável por dar ao filme

o tom de crítica à discriminação da sociedade brasileira.

Musa brasiliense

“Queríamos dar traços brasilienses à personagem principal sem cair no clichê, sem mostrar alguém diretamente envolvido com o poder. Ela é uma mulher comum que decide ser feliz, que opta por isso”, diz o diretor, que contou com atores da cidade como Dora Wainer, Adriano Siri, Bruno Torres e André Amaro. Dificuldade maior que a de compor essa mulher de ficção, em roteiro escrito por Di Moretta (*Latitude zero, As filhas do vento*), só o percurso tomado pelo cineasta de passar do formato documental para o de ficção. “Esse filme foi minha graduação. Por incrível que pareça, no documentá-

rio tudo é mais controlado. A equipe cabe numa van. Na ficção, a complexidade é muito maior. Usamos cerca de 500 figurantes.”

O papel do diretor, no caso, também muda radicalmente. “Temos que construir a realidade. Um detalhe errado é capaz de derrubar uma cena inteira”, observa. Orçado em R\$ 1 milhão e descrito por Barbieri como “um filme de época de baixo orçamento”, *As vidas de Maria* (um dos três longas brasilienses que serão exibidos fora da competição no festival, junto com *Araguaya, a conspiração do silêncio* e *Dom Helder Camara — O santo rebelde*) já tem distribuição garantida, pela Pandora Filmes, em abril do próximo ano. “A gente não quer fazer filme para ficar na prateleira”, diz. Maria, agora, é do Brasil.

37º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

De terça a 30 de novembro. Mostra de filmes em 35mm e 16mm, no Cine Brasília, Cinemark Pier 21, Centro Cultural Banco do Brasil e Centro Cultural Sesi de Taguatinga. Cerimônia de abertura terça-feira, 20h30, com a exibição de *As vidas de Maria* e performance da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Evento apenas para convidados.